



TEATRO



do Romantismo aos nossos dias: CENT

UFLON 01634



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada*

por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRÁFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

Antologia



*João
da Câmara*



Caricatura da época; João Rosa no papel de Afonso VI; uma cena de *A Triste Viúvinha* (Teatro de D. Maria II, 1897)

João
da Câmara

1893



1901



Joaquim Costa e João Rosa em *Os Velhos* (1893); Amélia Rey-Colaço no *Amor de Perdição*; Adelina Abranches em *A Rosa Enjeitada* (Teatro do Príncipe Real, 1901)

João da Câmara

T R I S T E V I U V I N H A

Personagens:

REBELO, velho tabelião retirado na aldeia.

O ALFERES, reformado.

JOÃO DA ALEGRIA, seu filho, mestre-escola.

BARROS, sargento da guarda fiscal.

NAZARÉ, viúva, nora do Rebelo.

MARIA DO Ó, sua tia.

ASSUNÇÃO, rapariga do campo.

Em Santa Luzia, aldeia do Baixo-Alentejo.

ACTO PRIMEIRO

Em casa do Rebelo. Porta ao fundo com postigo. Do lado esquerdo da porta, uma cama alta, de madeira pintada; colcha de chita de cores e almofada de fronha com rendas. Na parede, do lado da cabeceira, um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora. Próximo, aos pés da cama, uma grande moldura de cortiça muito historiada, e dentro uma fotografia pequena, um homem dando o braço a uma mulher. À direita da porta do fundo, uma cômodazinha coberta com uma toalha e em cima dois castiçais de vidro sobre papel recortado e um relógio ordinário de caixa de madeira. Na parede, uma litografia colorida, retrato do Sr. D. Miguel; à roda, uma coroa de rosas de papel envolta em gaze. Ao canto da direita, o oratório de madeira preta com vários santos;

em frente, duas pequeninas jarras com flores e entre elas a lamparina acesa. Porta ao centro, do lado direito, a que deve subir-se por dois degraus toscamente abertos na rocha natural. Janela do outro lado com poiais de tijolo. No primeiro plano um armário de madeira preta, envidraçado, com loiças, garrafas, etc. À direita, uma estante com livros e perto uma mesa grande de pau-santo, com tinteiro antigo de metal amarelo, candeeiro de três bicos, papéis e um volume dos sermões do Padre António Vieira. Junto da mesa, uma cadeira de braços, antiga, conventual, e outra, pequenina, de costura. Arrumada a um canto, uma mesa de pé de galo e tábua quadrada. Arcas, baús cobertos com colchas. Cadeiras alentejanas com flores pintadas. Friso com loiça velha da Índia, terrinas, pratos, etc. No tecto uma madre, tronco mal desbastado. Vigamento de castanho. Telha vã. Paredes muito caiadas. Tudo naquele primor de asseio vulgar no Alentejo. Marca o relógio seis horas e vinte minutos.

REBELO: Não te sentes pior, não?

NAZARÉ: Já me passou. Não foi nada. (Vai à cómoda buscar um lenço preto.)

MARIA DO Ó: Veio o calor tão de repente!

NAZARÉ: Foi do calor.

MARIA DO Ó: Queres que te ajude?

NAZARÉ: Não, tia. Obrigada.

REBELO: Tinha pena, se não fosses. Ainda agora, quando lá estive... Queres saber? Nasceu um pé de murta mesmo em cima da cova. O Jerónimo que o deixe crescer. Daqui a dois meses dá flor. Quando ele te escrevia e chamava Flor da Murta!... Já faz hoje dois anos!... Não te sentes pior, não!

NAZARÉ: Maior quebreira. Mas a tia tem razão; deve ser do calor.

MARIA DO Ó: E do ferver dessa cabecinha. Sossega. O teu homem está no céu.

NAZARÉ: Era um santo.

REBELO: Meu filho!...

MARIA DO Ó: E não te deixes lá ficar. Ontem, logo à boca da noite, começaram caíndo umas branduras, e aquele cemitério é tão húmido!

NAZARÉ: Antes do anoitecer devo estar de volta.

REBELO: É tarde. Vai para as seis e meia. Não fecharia ainda a escola o João da Alegria?

MARIA DO Ó: Tem-me posto em cuidados. Ele que nunca se esquece!... E dá Deus uma jóia daquelas!...

REBELO: Lá me vai vossemecê dizer mal do Alferes! Bem sei que o homem tem lá outras ideias. Deus perdoe aos moradores deste século o muito que o têm esquecido. Não diz o seu génio com o meu; mas ele é muito meu amigo.

MARIA DO Ó: Amigo!...

REBELO: A seu modo. Fomos baptizados na mesma pia, isso bastava; nasceram os nossos filhos na mesma hora; dos partos das nossas mulheres enviuvámos ambos.

MARIA DO Ó: Faz sua diferença; o senhor Rebelo era recebido e ele...

REBELO: E a dar-lhe!... É-nos prova da alta misericórdia divina o amparo que ele achou em seus anos velhos. Que filho aquele! Quando, há pouco, o Dr. Aníbal de Beja lhe ofereceu casa, bom ordenado...

MARIA DO Ó: Bom passadio...

REBELO: E que bela posição para qualquer negócio futuro! E afinal pouco trabalho: dirigir a educação dos pequenos, ensinar-lhes latim, francês, o milhão de coisas que o João da Alegria sabe. E, já tudo preparado, dá-lhe o coração um arranco, e para aí se fica em Santa Luzia, mestre-escola, por não deixar o pai velhinho!

MARIA DO Ó: Não ser eu Nosso Senhor! Aquele hereje com um filho assim, e o senhor Rebelo...

NAZARÉ: É tarde. Vou-me andando, meu pai.

REBELO (*abraçando-a*): Filha!... Eu e a Senhora Maria do Ó vamos da janela do teu quarto ver quando assomas ao alto do cabeça. (*Para a Maria do Ó:*) Viu-me Deus de saúde gastada, idade decrépita e, para que o golpe não fosse fatal, deu-me com quem amansar a minha dor. (*Para a Na-*

zaré:) Bendito ele seja que me deu o chorar contigo! (*Beija-lhe os cabelos.*) Os teus cabelos voltam-me os beijos do meu filho. Adeus. Até logo. Dá-lhe lembranças minhas.

MARIA DO Ó: Olha a cacimba. Toma conta.

NAZARÉ: Não tenha cuidados. Até logo.

(*O Rebelo e a Maria do Ó saem pela porta da direita. A Nazaré abre a gaveta da cómoda, donde tira um espelho. Conserta o lenço e o cabelo. Vai à janela, olha para fora, sufoca um pequenino grito e recolhe-se logo. Entra João da Alegria.*)

JOÃO DA ALEGRIA (*um instante depois, à porta*): Ia sair?

NAZARÉ: Agora mesmo. Estávamos numa ansiedade! Não veio às horas do costume...

JOÃO DA ALEGRIA: Fui passear, correr os olhos por esses campos. Andei no caminho do cemitério. Como são quinze do mês e faz hoje dois anos... Agora é que vai?

NAZARÉ: Não pude mais cedo. Estive adoentada.

JOÃO DA ALEGRIA: Vim para saber novas suas.

NAZARÉ: Tenho em muito a sua amizade, senhor João da Alegria. Nada de cuidado. Triste passeio escolheu hoje.

JOÃO DA ALEGRIA: Como pessoa vezada a tristezas. Mas os sítios não querem dizer nada. Lá andavam no matinho, mesmo atrás do muro, as moças da aldeia a cantar.

NAZARÉ: Alguma cantiga nova?

JOÃO DA ALEGRIA: Não pude apanhar-lhe o estilo. O verso não sei se lho diga.

NAZARÉ: Porquê?

JOÃO DA ALEGRIA: Pode amargurá-la. Quem faz cantigas não sabe o que faz.

NAZARÉ: Diga; versos nunca me entristecem.

JOÃO DA ALEGRIA:

Senhora Santa Luzia,
Lavada do vento norte,
Quem nela tem seus amores
Não pode ter melhor sorte.

NAZARÉ: É bonita! Que pena não se lembrar... Eu dantes sabia tantas!... Agora, como não saio... Então porque anda triste? Já não gosta de Santa Luzia?

JOÃO DA ALEGRIA: Deixei-me ficar... Estou quase a arrepender-me.

NAZARÉ: Ainda há pouco, aí disseram tão bem de quanto quer a seu pai!

JOÃO DA ALEGRIA: O fim porque fiquei... e foi talvez um fim torcido!

NAZARÉ: Por que não me conta as suas tristezas?

JOÃO DA ALEGRIA: Mau feito meu.

NAZARÉ: Eu sei que, se às vezes pudesse falar...

JOÃO DA ALEGRIA: Ah! Se eu pudesse falar!... Mas começo a atrigar-me, nem sabendo como dar-lhe princípio! Tenho medo. Meu coração é triste de si e gosta de dar gasalhado às melancolias. Ainda agora as moças cantavam que era um gosto ouvi-las; passaram dois corvos crocitando e voltei desconsolado!

NAZARÉ: É tão bom ter com quem desabafar! Era talvez para bem de nós ambos. Mas também eu tenho medo... É pena que não lhe ficasse o estilo. O verso é tão bonito! Vamos a ver se pode lembrar-se. Sente-se aqui.

JOÃO DA ALEGRIA: Obrigado. Mas, como sabe, meu pai quer sempre que o procure, e é quase sol-posto.

NAZARÉ: Sol-posto! Valha-me Deus! (*Ouve-se dentro a voz do Rebelo.*) Meu pai e a tia!... Não lhes diga... Até logo. (*Saindo apressada.*) Sol-posto!... Ia-me esquecendo!

Entram Rebelo e Maria do Ó.

REBELO: Olá, João da Alegria!... Vinhamos saber da Nazaré.

JOÃO DA ALEGRIA (*um pouco atrapalhado*): Quando entrei...

MARIA DO Ó: Já tinha tempo de sobra...

JOÃO DA ALEGRIA: Parou talvez a conversar... (*Vai à janela.*) Alguém a demorou no caminho. (*Olha.*) Não. Lá vai.

REBELO (*à janela*): Lá vai, sim. E tão combatida ainda! Lá vai com o seu lencinho de viúva... (*Para o João da Alegria:*) É que faz hoje dois anos...

JOÃO DA ALEGRIA: Lembrei-me do triste aniversário.

REBELO: Tínhamos estranhado a tua ausência. (*Olha para fora e diz adeus.*) Dois anos!... Nesta cama onde agora durmo... Lábios de que andávamos suspensos... fechados para sempre! Olhos tão lindos que cegavam os nossos... embaciados!... Coitadinha da Nazaré!... Obrigado, João da Alegria; não te esqueceste.

JOÃO DA ALEGRIA: Era só um adeus. Vou em busca de meu pai.

MARIA DO Ó: Deus vá contigo.

REBELO: Adeus, rapaz. Quando te vejo... que saudades!

João da Alegria sai.

REBELO: Não vá esta ida ao cemitério fazer mal à Nazaré.

MARIA DO Ó: Anda tão esquisitória!

REBELO: Ninguém pode despir a natureza, senhora Maria do Ó. Também a mim me dói a alma e chegou a doer-me a carne!

MARIA DO Ó: Bom! Mas amansou.

REBELO: Clamei ao céu com muita oração, pedindo-lhe conformidade. Nunca furtei meus ombros à pesada mão de Deus, mas, sempre que rezo o Padre-Nosso, digo de coração humilde: seja feita a vossa vontade.

MARIA DO Ó: Veja-a pela manhã. À tarde, como pode vir alguém, lá se arranja, lá se penteia; mas pela manhã, se há coisa mais frangalhona!

REBELO: Coitada!

MARIA DO Ó: Tem abatido agora mais que em todo o primeiro ano de viuvez! E quando ela se põe para aí pasmada, todo um santo dia a papar moscas! É a paixão a roe-la! Em vez de esfarecer, começa a esgaravatar... a esgaravatar!... Ora Deus queira! Deus queira!...

REBELO (*assustado*): O quê, senhora!

MARIA DO Ó: Que pelo caminho por onde agora vai, cedo a não levem quatro homens.

REBELO: Não diga tal, que é tentar a Deus!

MARIA DO Ó: Uma destas tardes, ao terço, aquela escanzelada não me respondia o Pão Nosso e, Deus me perdoe, olhei para trás. A espreguiçar-se na divina presença!... O senhor Rebelo tem sido um anjo para mim, que o meu trabalho nesta casa não vale a despesa que lhe faço...

REBELO: Pelo amor de Deus, senhora Maria do Ó!... Conhece a Nazaré de pequenina e muito boa companhia lhe faz. Pense na criaturinha só comigo!

MARIA DO Ó: Pois... «bons dias, boas noites, muito obrigada»... nem mais palavra,

há que tempos! De que lhe sirvo então, se não sou de confiança?

REBELO: Vossemecê foi tesouro que encontramos. Olhem a Nazaré nesse estado a dirigir uma casa! O dever que nos corre é acudir-lhe com alguma distração. E a propósito: a nossa liçãozinha? Puxe a cadeira e sente-se. Olhe que há-de entender-se com os pequenos e ensiná-los.

MARIA DO Ó (*indo buscar a cadeira*): Se não era melhor o senhor Rebelo...

REBELO: Tenho lá paciência!... Nem já sei ralhar senão com o Alferes. Eu avenho-me com vossemecê, que já não é pouco, e vossemecê lá se avenha com eles. O mês de Maria está à porta. Verá como esta devoção, as flores, as vozes das crianças e até os dias mais claros e lindos hão-de quietar aquela alminha. Vamos ver se ainda se lembra. Pronta? A primeira quadrinha. Vá.

MARIA DO Ó (*sentada ao lado do Rebelo e limpando a garganta do pigarro*): Queira Deus. (*Canta:*)

Nome de Maria
Tão bonito é!
Salvai a minh'alma;
Que é... ela vossa é.

REBELO: Mas porque diz vossemecê: QUE E... ELA VOSSA É? (*Ensinando-a.*) QUE ELA VOSSA É! (*Marcando-lhe as notas.*) Tan, tan, tan — tan, tan!... Vamos à outra.

MARIA DO Ó:

Que ela vossa é,
Sempre há-de ser.
Salvai a minha alma,
Quan...ando eu morrer.

REBELO (*imitando-a*): QUAN...ANDO EU MORRER! (*Ensinando-a.*) QUANDO EU MORRER!... Vossemecê, a respeito de ouvido, se o tem pior que o meu, não sei de que me serve estar aqui suando! Vamos ver os dois juntos. Adiante.